



Anne Case A, Deaton A. Deaths of despair and the future of capitalism. New Jersey: Princeton University Press, 2020

Nilson do Rosário Costa^{1,2}

DOI: 10.1590/2358-28982026E110664P

RESUMO A resenha apresenta o livro 'Death of despair and the future of capitalism', de Anne Case e Angus Deaton. A expressão 'morte por desespero' refere-se ao conjunto de mortes atribuídas pelos autores ao consumo de álcool e drogas, uso de medicamentos e suicídio. A publicação apresenta como singularidade a filiação à escola de Emile Durkheim ao defender que a morte por desespero é determinada pela natureza das conexões dos indivíduos com as instituições sociais, como a cultura religiosa e a estrutura econômica. A relevância da abordagem tem motivado a replicação do modelo investigativo em diferentes contextos com o objetivo de testar a hipótese do excepcionalismo americano em relação à epidemia de mortes por desespero.

PALAVRAS-CHAVE Morte por desespero. Suicídio. Álcool. Uso de medicamento. Mortalidade.

ABSTRACT This review presents the book 'Deaths of Despair and the Future of Capitalism' by Anne Case and Angus Deaton. The expression 'death of despair' refers to the set of deaths attributed by the authors to alcohol and drug consumption, medication use and suicide. The publication is unique in its affiliation with the school of Emile Durkheim in arguing that death of despair is determined by the nature of individual connections with social institutions, such as religious culture and economic structure. The relevance of the approach has motivated the replication of the investigative model in different contexts to test the hypothesis of American exceptionalism vis-à-vis the epidemic of deaths of despair.

KEYWORDS Death of despair. Suicide. Alcohol. Drug utilization. Mortality.

¹Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Centro de Estudos Estratégicos (CEE) - Rio de Janeiro (RJ), Brasil. nilsondorosario@gmail.com

²Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp) - Rio de Janeiro (RJ), Brasil.



Introdução

A expressão ‘morte por desespero’ refere-se ao conjunto de mortes atribuídas ao consumo de álcool e drogas, uso de medicamentos e suicídio. O tema ganhou evidência em 2020 a partir do livro ‘Death of despair and the future of capitalism’¹, de Anne Case e Angus Deaton, sobre as mortes por desespero nos Estados Unidos da América (EUA). A publicação apresenta como singularidade a filiação à escola de Emile Durkheim² ao defender que a morte por desespero é determinada pela natureza das conexões dos indivíduos com as instituições sociais, como a cultura religiosa e a estrutura econômica.

A reflexão de Durkheim já havia sido atualizada nas ciências sociais por investigações sobre a influência da condição econômica, da anomia e da mortificação social sobre as condições de saúde³⁻⁶. Os economistas Anne Case e Angus Deaton resgatam a perspectiva durkheimiana ao explicar o crescimento da mortalidade nos EUA nas últimas três décadas decorrente de suicídio, uso de álcool e crack e consumo de opiodes entre pessoas categorizadas como ‘brancos não hispânicos’ de baixa escolaridade ou sem graduação universitária na faixa de 45 a 54 anos.

Ainda assim, o livro se distancia ligeiramente das abordagens originais da ciência social, inspiradas em Durkheim, que focalizam as instituições apenas pela perspectiva das normas sociais. De fato, para a abordagem normativa, as pessoas com contatos mais frequentes com familiares, amigos e vizinhos e envolvidas com igrejas, ações cívicas e clubes seriam menos propensas à morte por desespero do que as que vivem isoladas⁶.

Case e Deaton pontuam que o colapso das normas sociais e, especialmente, o afastamento da religião e a cultura libertária afetaram a capacidade dos estadunidenses de encontrar ‘significado e conforto’ em um mundo em transformação. Contudo, optam por demonstrar o papel crucial das ‘forças econômicas’ que tornaram a vida da classe trabalhadora branca

não hispânica insuportável a partir da década de 1990, causando a ‘epidemia de mortes por desespero’ no país. Os trabalhadores negros teriam sofrido o mesmo impacto das mudanças macroeconômicas, só que nas duas décadas anteriores. Para os autores, os argumentos sobre normas sociais estão corretos, mas a história que descrevem é sobre a corrosão dos alicerces do mundo do trabalho americano do pós-Segunda Guerra Mundial.

Nessa perspectiva, o declínio prolongado dos salários foi uma das forças fundamentais que atingiu os americanos menos escolarizados. Essa queda veio acompanhada da deterioração da qualidade do emprego, com baixa remuneração e supressão das ‘carreiras’ nas grandes empresas devido à terceirização massiva. A degradação do trabalho define, para os autores, a ideia de excepcionalismo do desenvolvimento capitalista nos EUA no cenário contemporâneo da globalização e de mudança de paradigma tecnológico.

Alertam, entretanto, que a inserção do capitalismo americano na economia globalizada não teve apenas perdedores. Com isso, desafiam a falsa ideia, promovida pela extrema-direita – e que ajudou a eleger Donald Trump em duas eleições –, de que a globalização foi a única vilã do declínio do trabalho por reduzir o valor da mão de obra, substituindo-a pela de imigrantes. Para eles, países de alta renda na Europa enfrentaram a globalização sem promover estagnação salarial em longo prazo nem epidemia de mortes por desespero. Concluem que há algo de excepcional acontecendo nos EUA, particularmente tóxico para a classe trabalhadora.

Em ‘Death of despair and the future of capitalism’, o sistema de saúde americano é apresentado como uma calamidade em comparação com o da Europa desenvolvida. Também é demonstrado que a globalização nos EUA enfraqueceu os sindicatos e empoderou os monopólios e os monopsonios mais do que em outros lugares. É citado o crescimento fenomenal do poder de mercado de empresas de alta tecnologia, como Apple e Google, que

empregam pouco e obtêm elevadíssima lucratividade. Em resumo, para Case e Deaton, a concentração do capital no setor de alta tecnologia, inclusive o farmacêutico, tem permitido às empresas dominantes a formação de preços acima do esperado na condição de livre concorrência ou de regulação efetiva.

É importante destacar que, ao trazerem para a cena as mortes por desespero pelo consumo de álcool, Case e Deaton se distanciam das conclusões de Durkheim, que não identificou a associação entre alcoolismo e suicídio². Da mesma maneira, ao contemplar o tema da drogadição, o livro amplia as fronteiras da compreensão sobre o mal-estar social nos tempos atuais. A hábil prospeção nas informações epidemiológicas oficiais americanas permitiu evidenciar os efeitos devastadores dos eventos de overdose causados pela prescrição médica de opioides para combate à dor e pela disseminação do consumo de fentanil. Os opioides foram as principais causas de morte por desespero a partir de 2010 nos EUA. Os autores mostram que, em 2017, os opioides tiveram 58 prescrições para cada 100 americanos, três vezes a taxa de 1999. O peso da prescrição de opioides na dinâmica da mortalidade é atribuído à falha generalizada do sistema de saúde americano na regulação da entrada de produtos de empresas farmacêuticas no mercado doméstico. Por essa leniência, a Food and Drug Administration (FDA) é avaliada pelos autores

com capturada pelo *lobby* empresarial e profissional. As empresas e a profissão médica também são diretamente responsabilizadas por mortes evitáveis. Os autores afirmam que o medicamento OxyContin, da Purdue Pharma, não deveria ser aprovado pela FDA porque causa dependência e morte.

A inquestionável relevância do tema para a saúde pública nacional e global tem motivado a replicação do modelo investigativo de Case e Deaton em diferentes contextos com o objetivo de testar a hipótese do excepcionalismo americano em relação à epidemia de mortes por desespero^{7,8}. Do mesmo modo, a perspectiva metodológica arrojada defendida pelos autores tem sido objeto recorrente de interpelação, nem sempre amigável, especialmente por segmento do campo biomédico⁹. Os resultados desses estudos e embates teórico-metodológicos são instigantes e valem a visita de estudantes, pesquisadores e gestores do campo da saúde coletiva, por força dos grandes desafios contemporâneos¹⁰, assim como a leitura do extraordinário livro 'Death of despair and the future of capitalism'.

Contribuição de autoria

Costa NR (0000-0002-8360-4832)* é responsável pela elaboração do manuscrito. ■

Referências

1. Case A, Deaton A. Deaths of despair and the future of capitalism. New Jersey: Princeton University Press; 2020.
2. Durkheim E. O suicídio: estudo de sociologia. São Paulo: EDIPRO; 2014.

*Orcid (Open Researcher and Contributor ID).

3. Tomasi L. Emile Durkheim's contribution to the sociological explanation of suicide. In: Pickering WSF, Walford G. Durkheim's suicide: A century of research and debate. London: Routledge; 2000. p. 11-21.
4. Horwitz AV. An overview of sociological perspectives on the definition, causes, and responses to mental health and illness. In: Scheid TL, Brown TN, editors. A handbook for the study of mental health. Cambridge: Cambridge University Press; 2010. p. 6-19.
5. Wray M, Colen C, Pescosolido B. The sociology of suicide. *Annu Rev Sociology*. 2011;37(1):505-28. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-soc-081309-150058>
6. Mueller AS, Abrutyn S, Pescosolido B, et al. The social roots of suicide: Theorizing how the external social world matters to suicide and suicide prevention. *Front Psychol*. 2021;12:621569. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.621569>
7. Beseran E, Pericàs JM, Cash-Gibson L, et al. Deaths of despair: A scoping review on the social determinants of drug overdose, alcohol-related liver disease and suicide. *Int J Environ Res Public Health*. 2022;19(19):12395. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijer-ph191912395>
8. Guimarães RM, Meira KC, Silva Vicente CT, et al. The effect of economic crisis and austerity measures on deaths of despair in Brazil: An interrupted time series analysis. *PLoS One*. 2024;19(12):e0314294. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0314294>
9. Darke S, Farrell M, Hall W, et al. 'Deaths of despair': A term that needs to be retired. *Addiction*. 2025;120(6):1072-4. DOI: <https://doi.org/10.1111/add.70030>
10. Costa NR, Cardoso GCP, Castro HA, et al. Public health, science and society: Challenges and perspectives. *Saúde Debate*. 2021;45(Esp 2):7-9. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-11042021E200>

Recebido em 22/05/2025

Aprovado em 24/09/2025

Conflito de interesses: inexistente
Disponibilidade de dados: os dados de pesquisa estão contidos no próprio manuscrito

Suporte financeiro: não houve

Editora responsável: Maria Lucia Frizon Rizzotto, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Cascavel, Paraná (PR), Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7877904356698023>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3152-1362>, e-mail: marialuciarizzotto@gmail.com